

5

Considerações finais

Nossa proposta, apresentada na introdução deste trabalho, foi examinar, nas versões brasileiras das três peças de Shakespeare em que figuram personagens mouros, o discurso racista, verificando se os tradutores mantinham, atenuavam, omitiam ou intensificavam as ocorrências de discriminação do original inglês.

Partimos do pressuposto de que o racismo é um construto social, que se expressa através da linguagem. Sendo a tradução uma forma discursiva, a ideologia racista é passível de ser reproduzida de formas diferentes na passagem do texto-fonte para o texto-meta.

Em conformidade com esses pressupostos, efetuamos primeiro a análise do texto-fonte, em que se procurou mostrar como o discurso racista se desenvolvia no original inglês, e posteriormente, a comparação das diferentes soluções tradutórias, a fim de verificarmos como esse discurso discriminatório era reconstruído nas diferentes versões.

Foram elaboradas então, dois tipos de tabela, que tinham por objetivos gerais, verificar: (i) qual o tipo de categoria racista mais presente no original inglês; (ii) qual seria a estratégia tradutória adotada com mais frequência pelos tradutores; (iii) se os tradutores teriam preferência individual por alguma estratégia; e (iv) se havia uma correspondência entre o tipo de categoria de discurso racista do original e as estratégias tradutórias. Além desses objetivos, havia mais outro: examinar se, de modo global, a linguagem dos tradutores expressava ou incorporava características típicas de discurso racista brasileiro, configurando uma estratégia de domesticação.

Em termos mais específicos, o objetivo das tabelas referentes às categorias de discurso racista era tentar estabelecer o tipo de discriminação mais presente na peça, bem como a forma como essa discriminação era construída na peça através do discurso, e possivelmente correlacionar esses dados com o papel do personagem negro na obra.

Alguns problemas surgiram durante a confecção dessas tabelas. Primeiro, a própria localização e seleção das ocorrências, visto que nem sempre foi possível identificar de pronto a ocorrência discriminatória (como por exemplo, a palavra “leer” no texto original de *Tito Andrônico*, IV. ii. 119); segundo, alguns exemplos

se estendiam ou se tornavam repetitivos (como, por exemplo, a comparação entre o filho de Aarão e um sapo e as referências a “devil” no texto-fonte de *Tito Andrônico*); e, por fim, alguns exemplos não se enquadravam bem nas categorias propostas, ou suas traduções não se prestavam bem a uma análise (como, por exemplo, o caso de Iago referindo a si mesmo como veneziano, em oposição ao estrangeiro Otelo). Nesse caso, preferimos incluir a referência em notas, mas não nas tabelas, para não sobrecarregar o volume de exemplos analisados. Encontram-se nesse caso também as inúmeras referências tanto a Aarão, quanto a Otelo pelo epíteto “Moor” e não pelo nome próprio. O uso do gentílico ajuda a demarcá-los, já que a todo momento lembra ao leitor/espectador a condição de Outro desses personagens. Ficaria, contudo, inviável contabilizar essas ocorrências.

A análise das tabelas de categoria de discurso racista revela que:

- A categoria racista mais presente em *O Mercador de Veneza* foi a de alusão à raça negra, seguida de demarcação entre grupos e alusão à cor branca, as duas últimas com o mesmo percentual. Em se tratando do Príncipe de Marrocos, personagem com tão pouca expressividade na trama, pode-se argumentar que, nesse caso, a simples menção a diferença serve para expressar a não-aceitação do Outro.
- Em *Tito Andrônico*, já se observa um maior número de categorias, mas estão ausentes a omissão de alusão à cor negra e as comparações aparentemente positivas. Digna de nota é a quantidade de sobreposição de categorias nas ocorrências dessa peça – muitas vezes, uma sobreposição de três no mesmo exemplo – o que revela uma forte discriminação por parte dos personagens. O alto índice percentual da categoria de associação negativa nessa peça pode ser explicada pela posição de vilão do personagem, o que por si só já encerra vínculos com o Mal, independente da cor.
- *Otelo* já encerra todas as categorias de discriminação propostas, à exceção da omissão à cor negra. Apesar da predominância das mesmas categorias de *Tito Andrônico*, há maior diversidade nas ocorrências, explicada pelo protagonismo do herói e pelo tratamento mais sutil do tema do racismo.

Quanto às tabelas de estratégias tradutórias, sua finalidade era verificar a manipulação dos textos e a possível existência de um padrão nas diferentes

versões que explicasse a distribuição das estratégias ao longo das peças bem como a combinação das mesmas no trabalho de cada tradutor.

A dificuldade surgida na elaboração dessas tabelas foi, via de regra, categorizar as estratégias em termos dos efeitos gerados pelas diversas soluções. Ao longo do trabalho, assinalamos algumas dessas dificuldades, tentando justificar a classificação de algumas soluções.

O outro problema apresentado por essas tabelas foi a própria análise dos dados quantitativos revelados. Devido à extensão do *corpus*, principalmente em relação a *Otelo*, tornou-se difícil estabelecer uma correlação entre as decisões tomadas por cada tradutor e o discurso racista, ou seja, se as decisões tradutórias seguiam alguma estratégia global ou se seriam produto de escolhas pontuais determinadas, em última instância, pelo contexto imediato. Citamos, por exemplo, as tabelas de Péricles Eugênio da Silva Ramos e Beatriz Viégas-Faria, que apresentam exatamente os mesmos dados numéricos, mas com distribuição distinta em termos de ocorrências e estratégias.

Entretanto, mesmo em face dessa dificuldade, foi possível traçar algumas correlações entre a quantificação das tabelas, o tipo de discurso racista presente na peça e as estratégias tradutórias. Já mencionamos o caso de Onestaldo de Pennafort e Barbara Heliodora, em que a maioria das ocorrências de intensificação foi registrada no início da peça (exatamente quando Iago busca denegrir a imagem de Otelo), e a maioria dos casos de atenuação foi assinalada ao final da peça, em que o discurso racista se restringe a alusões a “devil”, (precisamente um ponto que hoje é recuperado através de exegese, ou seja, sua interpretação não se baseia somente no texto).

Outra situação em que as tabelas demonstraram ser úteis foi na avaliação global das ocorrências em *Tito Andrônico*. Foi registrada apenas uma ocorrência de omissão (por Carlos Alberto Nunes), um índice relativamente baixo, enquanto, de modo geral, observaram-se percentuais elevados de manutenção. O fato de o personagem ser malévolo talvez explique a pouca frequência da estratégia de omissão, em um número de ocorrências praticamente equivalente ao de *Otelo*, onde foram registrados maiores índices de atenuação e de omissão.

Em termos das preferências individuais por determinada estratégia, a comparação entre os tradutores que verteram todas as peças do *corpus* indica que a frequência de estratégias dos tradutores oscila consoante a peça sendo traduzida.

Em termos de uma possível correlação entre as estratégias tradutórias e as categorias de discurso racista, foi possível estabelecer, em algumas ocorrências, que uma estratégia de intensificação pode ser devida à inclusão de uma categoria de discurso racista que não se encontrava no texto original; da mesma forma, a estratégia de atenuação pode ser produto da exclusão de uma categoria presente no original. Percebe-se, então, a existência de um campo determinado em que o tradutor pode atuar para manipular o texto; ou seja, as fronteiras para se lidar com o preconceito parecem ser lingüisticamente determinadas pelas formas de manifestação do discurso racista.

As categorias de discurso racista encontradas em todos os textos foram a demarcação entre grupos, a alusão à cor negra, a alusão (positiva) à cor branca e a associação negativa para a cor negra (no caso específico das obras analisadas, em todas foi encontrada a comparação do negro com o diabo). Tal fato pode levar a crer que essas categorias seriam as mais gerais. Também é importante lembrar a participação relativamente pequena do Príncipe de Marrocos e, portanto, o pouco desenvolvimento do discurso racista na peça, já em *Tito Andrônico* e em *Otelo*, os negros desempenham papel mais expressivo, e o escopo do discurso racista reflete essa maior participação.

A categoria de alusão à cor negra tende a vir acompanhada de outra categoria discriminatória, o que leva a supor a existência de um “reforço” negativo, além da referência supostamente desnecessária à raça.

A categoria de omissão à alusão à cor negra não foi encontrada nos textos originais, mas foi registrada nas traduções. Há duas prováveis explicações para o fato: pode-se presumir que seja uma forma tipicamente brasileira de racismo, ou pode-se argumentar que não foi possível localizar e/ou precisar a ocorrência dessa categoria de discurso racista no texto-fonte por quaisquer motivos. Por exemplo, por ser característica do discurso oral ou por depender de outros fatores da linguagem (deve-se levar em consideração que Castro (2000) analisou o relato oral de falantes). Nesse caso, a omissão de menção à raça negra nas traduções poderia refletir o constrangimento dos próprios tradutores brasileiros em reproduzir a menção à raça negra no seu texto.

A omissão de certas categorias pode dever-se à dificuldade ou mesmo à impossibilidade de reproduzir na língua-meta as várias acepções de determinado termo na língua-fonte. Citamos como exemplo “fair” em *Otelo*, em que o discurso

racista era atenuado ou mesmo omitido, muitas vezes por motivos lingüísticos que escapavam ao controle do tradutor.

Finalmente, em termos da proposta de verificar se a linguagem dos tradutores expressava ou incorporava características típicas de discurso racista brasileiro, podemos assinalar que foram registrados exemplos da estratégia de domesticação nas três peças, algumas das quais estavam relacionadas à alusão depreciativa do fenótipo dos negros. Tal fato pode ser explicado pelo contexto brasileiro, em que traços físicos negros são desprivilegiados, em contraste com o prestígio atribuído aos traços brancos, conforme descrito na introdução deste trabalho.

Além disso, a estratégia de domesticação via de regra resultou em uma estratégia de intensificação do preconceito. Uma possível explicação seria o fato de que a aproximação com o público leitor obviamente acarreta um maior impacto ou relevância do item traduzido dentro do contexto de recepção.

Considerando que trabalhamos a partir de um referencial elaborado por teóricos em sua maioria brasileiros, estabelecendo características atuais para a discriminação, e que aplicamos esse referencial a um texto escrito na época moderna, em outro continente, podemos inferir que o discurso racista nos moldes atuais já se configurava como tal nos textos examinados da época elisabetana.

Para encerrar, gostaríamos de ressaltar que a tradução é um complexo trabalho de interpretação, em que a cada momento devem ser tomadas decisões e escolhas, sujeitas a fatores conscientes e inconscientes, e informadas por uma série de fatores, que podem ser de natureza temporal, lingüística, cultural, política e ideológica, entre outros. A análise empreendida nesta pesquisa tentou explicitar um pouco do trabalho de interpretação por trás da tarefa tradutória, com os conseqüentes efeitos que diferentes interpretações produzem no texto traduzido, e nas imagens de um autor e de uma cultura distantes de nós no tempo e no espaço.